

MAFFESOLI, Michel. *A parte do diabo*: resumo da subversão pós-moderna. Rio de Janeiro: Record, 2004.

O livro de Michel Maffesoli, *A parte do diabo – resumo da subversão pós-moderna*, é formado por cinco capítulos, nos quais ele trata da compensação entre o bem e o mal, ambos presentes e necessários para a mobilidade das sociedades. As tribos urbanas, o que alguns chamam de crise, delimitam muito bem os contornos dessa profunda mutação. É preciso reconhecer "o que cabe ao diabo". É assim que podemos entender que a parte "destruidora", a do excesso ou da efervescência, é exatamente o que sempre antecipa uma nova harmonia.

Não há quem não seja afetado pelo mal – isto tanto individual quanto coletivamente. Poucos aprofundam seus conhecimentos ante essa realidade. Mas, reconhecendo que a imperfeição também é um elemento estruturante deste mundo, mostramos que os fenômenos sociais são compostos por sentimentos trágicos, o que parece cada dia mais evidente.

Está na hora de superar a problemática do homem realizado em sua totalidade, da sociedade perfeita. Isto é possível por algum tempo, mascarando os efeitos dos conflitos, apagando seus aspectos mais flagrantes. Mas ela estará sempre lá, esperando uma oportunidade para ressurgir, nos atos privados e nas ações públicas.

Constata-se uma volta do mal com toda a força. Há algumas décadas chamávamos de crise. Podemos encará-la com desconfiança e pessimismo ou como algo que está aí, que precisamos absorver e, portanto, como fator de renovação do nosso ser.

É bem verdade que existe aí um paradoxo. Mas não será exatamente assim que podemos resistir, a longo prazo, ao aspecto totalizante, logo totalitário, da "vontade de saber"? Vontade castradora, no indivíduo, dessa zona sombria que também é sua. É o que encontramos nas gírias, utilizadas pelas tribos, em suas diferentes modulações, invertendo a ordem das palavras, exprimindo um mundo diferente daquele que a ordem estabelecida pretende impor.

Normalmente, a única perfeição admitida é a das alturas. O céu da divindade. Pode acontecer que esta tensão para o alto não corresponda à prática social. Daí a necessidade de descer às profundezas da vida, deixando emergir o animal humano tolerado apenas nas obras de ficção, mas que observamos todos os dias, nos jornais televisivos, guerras "justas", telenovelas e muitos outros, encobertos pela hipocrisia e moralidade de quem pensa dentro de uma perspectiva universalista.

O ser humano é composto pela dualidade bem e mal. Não é mais possível negar esta questão; é o mesmo que negar a morte como fonte de existência, eliminar o trágico da condição humana. O reconhecimento desses e de outros aspectos que se evidenciam em nossa prática individual e social, mas induzem a uma sabedoria cotidiana da necessidade, a uma postura que integra o desamparo para alcançar um equilíbrio mais completo, mais complexo. A imperfeição torna-se um elemento essencial de sobrevivência.

A morte, o diabo, o mal, o animal passam, então, a ser parte integrante de um conjunto do qual não se pode arrancar um pedaço arbitrariamente, intelectualmente. É este holismo fundamental que ressurge em nossos dias.

Existem diversos tipos de violência. Ela é reconhecida da boca para fora, mas é muito difícil aceitar suas conseqüências sociais e individuais.

A violência é um elemento essencial da construção simbólica do social: precisamente naquilo em que ela nos liga, ou nos religa, à natureza. É algo que quisemos esquecer, ou que negamos. Sem ela o tédio prevaleceria. Não podemos interpretar de outra forma o extraordinário interesse da televisão e de seus espectadores por todas as formas de catástrofes naturais ou acidentes automobilísticos que só são mencionados quando existem diversos mortos. Há um fascínio pela insegurança.

Na realidade, da vida cotidiana às revoluções, o destino das culturas é se banalizarem em civilizações, que, por sua vez, amolecem no conforto, e, no tédio, o retorno do conflito é, então, inelutável.

O querer-viver alimenta-se do refundar outra coisa, que o vazio institucionaliza. Ele é uma "força que vai", cujo aspecto construtivo só pode impor-se depois de realizada a obra de sua ação destrutiva. Vazio, aqui, não significa nada, e sim, condição de possibilidade do que está por nascer.

Podemos considerar que a violência associada à animalidade humana é uma constante antropológica. Feiticeiros ou sereias, ogros, obsessão pelo tema do Pequeno Príncipe, lobisomens e suas diversas formas e onipresença dos animais domésticos, ou *piercings* e tatuagens, as efervescências festivas, tudo lembra a dupla face de nossa natureza animal, selvagem; que dá vida, anima a existência social. Todos esses exemplos contaminam a vida cotidiana.

A inquietude é o fundamento do estado de guerra, permanente próprio desta perpétua tensão entre o que cada um é e o que gostaria ou sonharia ser.

Talvez devamos enxergar nisto a fonte desse conflito estrutural de que está impregnada a vida social. Conflitos no interior de si mesmo, conflitos contra si mesmo, que, segundo Nietzsche, "fazem brotar as flores luminosas do gênio".

Existe aí uma ambivalência muito distante do "fantasma do um" própria da tradição "ocidental". A razão dogmática quer impor a unidade. Os sentimentos, os afetos, conduzem-nos à turbulência, ao desconforto da multiplicidade. E também à sua riqueza. Ou, pelo menos, à sua realidade.

É esta multiplicidade, no interior de si, que opera nas teatralidades cotidianas. Por ser múltiplo em si mesmo, o indivíduo não se reconhece na rigidez social. E isto deu a modernidade ocidental, o orgulho arrogante do controle de si e do mundo, com conseqüências que conhecemos: as explorações sociais e naturais.

Ao passo que o reconhecimento do obscuro, em si e no mundo, é uma espécie de humildade que se baseia na aceitação da sensação, ou seja, no "senso do real".

A verdade do homem está na contradição. Vida e morte não são fundamentalmente heterogêneas, mas participam de uma mesma realidade. Ao lado ou sob o homem que pensa existe o que é movido pelas paixões, existe um corpo que se mexe, um corpo que se manipula. A figura do dragão, a dos contos infantis, readquire força e vigor, e nos divertimos brincando com ele.

O monstro é a metáfora do completamente outro que existe à espreita em cada um. Assim, o orgasmo musical, as drogas, os "pegas automobilísticos" são métodos trágicos de gritar e viver a eternidade. Uma eternidade humana. É a experiência de

"sair de si" (êxtase) ou seja, o indivíduo sai de si mesmo para participar do "completamente diferente".

A imagem das lições propostas pelos monstros dos contos e lendas, a lição dos fenômenos contemporâneos de efervescência, a excessiva preocupação com o corpo, a Internet exibindo nossa interioridade, consiste em lembrar que somos pedaços de natureza e que nossas obscuridades assemelham-se, estranhamente, às suas.

Não podemos livrar-nos do mal recorrendo simplesmente à razão e aos conceitos que, com esta finalidade, ela elaborou.

Ninguém se mantém longe do negrume, observava Jung. É ilusão pensar que o espírito esclarecido pela razão pode livrar-se dele facilmente.

É preciso encontrar um meio, um "método" para compor com ele, integrá-lo, domesticá-lo.

Podemos dizer que a pós-modernidade sofre ou está sofrendo a transmutação das trevas. E o inconsciente coletivo pós-moderno externando-se através dos excessos da sociedade de consumo.

O presente, como fundamento da vida, consiste em pôr o espírito em contato com a terra escura.

### **Marlei Pissaia Novello**

---

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo (UPF).

marleipn@bol.com.br